CONHECIMENTOS UTEIS.

ILHAS DE CABO-VERDE.

(COMMERCIO COLONIAL.)

111 Está, póde-se dizer, acabado o commercio de Portugal com a Costa-d'Africa. Os productos que d'ahi tiravamos em troca do que para la mandavamos eram unicamente os *escravos*, que conduziamos ao Pará, Maranhão etc., e o producto da sua venda era depois empregado em algodão, arroz, coiros etc. que importavamos para aqui.

Agora é tão insignificante o commercio que se faz com aquellas possessões que nem uma embarcação se póde empregar no seu movimento. Importam-se aqui differentes cereaes do Levante, legumes de Hollanda, peixe-salgado, assucar e café do Brazil etc., e os productos das ilhas de Cabo-Verde, que deram a semente de prosperidade ao Brazil, que por causa d'elle foram desprezados e anniquilados, abandonam-se sem que a metropoli faça caso do seu assucar, café, algodão, solla, coiros, pesca e salga que poderia fornecer etc. deixando aquellas ferteis ilhas entregues aos seus proprios recursos no humilde estado em que se acham, o solo em baldio, os habitantes sem indusdustria e sem illustração!

E comtudo nos terrenos africanos em frente d'estas ilhas os coiros de boi e outras pelles são quasi de graça, e podem-se haver com a maior facilidade em certa estação do anno em troca de bebidas alcoolicas, missangas e bagatellas de toda a especie. O seu sal mineral é excellente para os cortumes e para a salga de carnes e peixe. As amoreiras e criação do bicho da seda, dão-se o melhor possivel n'aquelles terrenos, e se la se estabelecessem filatorios sería uma rica producção, que pouparia a Portugal quasi dois milhões de cruzados que dá ao extrangeiro annualmente, com que contribuiria para a prosperidade d'aquellas ilhas, augmento da sua povoação e maior riqueza nacional.

N'alguma d'essas ilhas se ajuntavam tambem, n'outro tempo, muitas das frotas que navegavam para o Sul e para a India. Não sería conveniente hoje estabelecer alli um arsenal — um porto em que se achassem todas as precisas commodidades, que convidasse os navios de todas as nações á escalla, para concertos, aguadas, refresco etc. visitas éstas que so de per si inriqueceriam aquella importante parte dos dominios portuguezes? (*Communicado.*)

Bastante se tem escripto e ja ha muito tempo sôbre o solo ubertoso das ilhas de Cabo-Verde, como elle póde e deve ser aproveitado, vantagens d'ahi resultantes etc. Tudo a este respeito tem sido dito; nada d'isso porém tem estimulado govêrnos nem negociantes a empregarem uma acção séria n'esta fonte de riqueza pública, que parece carecer unicamente de quem a queira aproveitar. D'onde procede tão vergonhosa incuria? Que documento de inepcia e negligencia não estamos nós dando ao mundo inteiro no meio do seculo industrial por excellencia?

D'entre tantas companhias que vemos criarem-se, no meio d'esses colosos que todas as semanas nos fazem ler em todos os jornaes que *descontam lettras, recebem ordenados, imprestam sôbre penhores*, não se levantará tambem um companhia 'commercial?' Pois so as lettras da praça, os papeis de credito, os penhores de joias e oiro, darão interesse? so elles merecem ser por todos os modos e por todos especulados? so elles attrahem a concorrencia? Não merecerá o commercio d'Africa tambem uma companhia?

Desejaramos ver applicada tambem n'este ponto alguma da habilidade e uma parte do patriotismo dos homens capazes das grandes concepções. Se devéras se deseja a prosperidade pública, se o interesse particular não é o unico movel dos vastos projectos dos nossos economistas — se elles realmente o são — appareça alguma coisa tambem n'este sentido: approveitem-se os grandes recursos que offerece a immensa porção 'de territorio que ainda tem hoje na Africa o nome de *dominio portuguez*. Para que se hão de guerrear as empresas do paiz, empregar os capitaes n'uma concorrencia prejudicial a todas, e não se hade empregar no commercio colonial uma parte d'esse capital que parece ja superabundante no paiz. . .Guerream-se entre si as emprezas das *estradas*, das *barras*, da *navegação do Tejo*, dos *caminhos de ferro*, da *industria* etc. e deixa-se definhar a agricultura e o commercio — perdem-se as colonias! Que economistas serão aquelles que quizerem estradas sem movimento, portos sem commercio, canaes sem transportes, carris-de-ferro sem transito, industria sem materias-primas?

Um brado unisono e immenso a favor dos melhoramentos materiaes; mas projectem quantos quizerem e executem quantos projectarem, que se deixarem a agricultura, o commercio e a industria, entregues aos esforços debeis e precarios de um particular isolado — se d'ellas distrahirem os mesquinhos capitaes que ainda n'isso se empregam, acenando-lhes com ingodo mais excitante, sem d'egual modo contrabalançar essa tendencia — ver-se-ha como o paiz, similhante ao rei Midas da fabula, morrerá á mingua no meio da sua opulencia.

A idea de uma companhia colonial é antiga, a sua necessidade geralmente reconhecida: d'onde vem pois que a ninguem tem vindo o nobre pensamento de dar impulso ou corpo a ésta gigantesca creação? Estimam-se mais, bem o sei eu, os ganhos immediatos, os lucros com pouco incommodo e grande vantagem. Subir as escadas de uma companhia para escrever um nome, adiante d'elle as cifras de uma avultada somma, sahir e achar de prompto na Praça quem compre esse pequeno trabalho por alguns contos de réis, é realmente muito mais commodo, saboroso e comezinho, do que involver-se nas grandes especulações commerciaes. Mas são porventura éstas fortunas singulares que hão de dar a felecidade do paiz? Podem ellas siquer ser duradoiras? Mas em quanto existem, emquanto os particulares acham n'essas faceis transacções vantagens grandes e certas, é porventura de esperar que as suas vistas se dirijam a outro ponto, que haja outro alvo que mais e melhor lhes attraia as miras? Por Deus, que se preste alguma attenção sôbre este estado. De que servirão os riquezas de Cresso no meio das ruinas de Carthago?

Fallo hoje assim, porventura severo, porque desejaria ver o bom senso e a justa medida em todas as coisas.... comtudo mais reflectidamente tornarei a este assumpto.

NOVO METAL.

112 Incontrámos n'um jornal francez uma descoberta nova, que a ser verdadeira é realmente importantissima. Ésta descoberta, ou invenção, consiste em tornar o vidro malleavel depois de frio como quando quente ou vermelho.

O novo metal tem o nome de *silicon*, e é de um lindissimo branco, sonoro, brilhante e transparente como o cristal. Tambem se póde obter opaco e colorido. Combina-se com muitas substancias, e éstas combinações offerecem em certos casos um variegado da maior belleza. É inodoro, ductil, e nem o ar nem os acidos o podem alterar.

INVENENAMENTOS.

113 Foi um acaso que patenteou a Newton as leis da gravidade. Harvey por acaso descobriu uma infermidade, que aproveitada se tornaria remedio (a vaccina). A sangria foi uma descoberta imprevista; e como éstas quasi todas as grandes descobertas foram como que reveladas ao homem, quando elle talvez desapercebido meditava em objectos bem differentes.

As sciencias imperfeitas e acanhadas no seu começo, pouco a pouco augmentaram á proporção que novas descobertas e assiduos estudos dilatavam o limitado campo a que ellas no seu principio se circumscreviam. Ha porém entre o desinvolvimento da intellectualidade e a perversão do espirito uma relação notavel; e parece que, marchando a par, o segundo pertende sempre usurpar para si as descobertas mais maravilhosas do primeiro a bem do homem e da sociedade.

No vasto templo da sciencia figura sem dúvida em logar distincto aquella que nascida entre os egypcios, e passando aos hebreus e caldeus, foi a principio humilde habitadora dos subterraneos e dos laboratorios dos alchimistas, para depois gloriosa começar uma nova epocha no immortal Lavoisier — a chimica. Tem ella usado do seu podêr para indagar escrupulosamente a natureza da maior parte dos corpos, afim de guiar o artista nos seus trabalhos, o militar nas suas emprezas, o agricultor nos seus amanhos, o medico nas suas curas, e a todos na escolha que devem fazer das diversas substancias da natureza, para que illudidos se não percam victimas da sua ignorancia. Foi ella que disse: a cicuta é veneno; o loureiro com toda a sua magestade tem acido hydrocianico; a pasta de amendoas-amargas, se se lhe ajuntar agua, tambem é veneno. Foi ella que ensinou que o mel com toda a sua doçura póde matar; que uma casa fechada e com um brazeiro acêzo é capaz de dar a morte; e que gozando o delicioso cheiro de uma rosa se póde ficar invenenado.

E o homem, n'uma aberração do seu espirito, lançou mão dos avisos da sciencia, attentou contra a sua victima, viu-a succumbir á sua maldade, e disse em segredo: vinguei-me! o meu crime será eternamente ignorado. Os invenenamentos augmentaram, porém a sciencia descobriu novos meios de manifestar á face do mundo a perfidia do invenenador, de lhe podêr dizer mesmo que substancia empregára.

As analyses chimicas a principio imperfeitas, e ainda hoje não cabalmente satisfatorias, teem sido as grandes descobridoras de muitos attentados que ficariam impunes, e teriam augmentado a fôrça moral do malvado. Os sabios francezes teem-se dado ao mais profundo estudo da Toxicologia, e apezar das grandes questões que ainda hoje existem n'ésta parte da chimica, comtudo os muitos esforços por elles feitos teem aplanado um caminho aspero e pouco trilhado.

Em Portugal ésta sciencia está bastante attrazada, e mais de uma vez a victima terá succumbido por falta de promptos soccorros, que em taes casos, mais do que em outra qualquer occasião, se querem promptos e energicos. A lei de 18 de settembro preveniu ésta falta mandando que os pharmaceuticos e cirurgiões tivessem um curso especial de Toxicologia. Para isto necessitava-se de um compendio, não o havia em portuguez; mas felizmente o sr. Albino publicou um trabalho importante, e tanto mais difficil quanto, como elle lastíma, não existe no nossa lingua escripto algum ácerca da sciencia dos venenos.

Por muito tempo temos pensado sôbre o modo porque se poderia hoje inriquecer a medicina portugueza com uma somma de factos bem vistos e bem estudados ácerca dos invenenamentos. Dizer ao sabio: estuda, observa, escreve as tuas observações; sería uma loucura: podia responder-nos não quero ou não posso observar os casos que succedem a distancia do logar em que estou. E, comeffeito assim é; mas a necessidade urge, e no estado actual devemos obviar a este mal. Aqui direi o que me lembra a tal respeito.

O 'Conselho-de-saude', a quem está confiado tudo o que diz respeito á arte de curar, podería, e talvez devesse, ordenar: que em caso de invenenemento se recorresse logo a qualquer prático dos trez ramos da sciencia medica, quer elle fosse cirurgião, medico, ou pharmacentico, o qual prestaria ao invenenado os mais promptos soccorros segundo as circumstancias. No emtanto dever-se-iam chamar outros para formar uma junta de um cirurgião, de um pharmaceutico e um medico, debaixo de cujas vistas se continuaria o tractamento. Fosse qual fosse o resultado, os tres praticos deveriam redigir uma memoria, em que se expozesse a filiação, edade, modo de vida, e motivo do invenenamento do infermo; as suspeitas que houvesse, o methodo de tractamento seguido, o resultado da autopsia cadaverica se o doente morresse, circumstancia a que nunca se deveria faltar. Ésta memoria, assim redigida, deveria ser remettida ou para o 'Conselho-de-saude,' ou para qualquer jornal scientifico para ser publicada.

Segundo me parece ésta providencia sería por extremo vantajosa, com quanto a principio se julgasse difficil de executar. Assim acharia o magistrado as bases para a sua sentença; a estatistica criminal, tão atrazada entre nós, teria com exacção mais um elemento; a phylosophia inriquecer-se-ia com novos factos para estudo do homem moral; e a medicina teria mais amplas noções sôbre as lesões cadavericas produzidas por diversos agentes, aproveitando mesmo a therapeutica, se se chegassem a conhecer as dózes empregadas, e os seus effeitos sôbre a economia animal. Se isto se praticasse teriamos achado a circumstanciada descripção de uma asphixia pelo acido carbonico, acontecida ha mezes ahi para o Bairro-alto; o invenenamento pelo precipitado rubro da calçada-do-Duque, e o recente pelo arsenico em Paço-d'-Arcos.

Muito desejava que ésta minha lembrança fosse publicada.

João José de Sousa Telles.

TINTA PARA CONSERVAÇÃO DAS MADEIRAS.

114 No *Dictionnaire des Ménages*, d'onde extrahimos ésta receita, diz-se ser ella muito util para a duração dos instrumentos agriculas, bancos e grades de jardins, capoeiras etc.

N'uma caçarola de ferro, a fogo brando, derretem-se dôze libras de resina colophanica e tres ou quatro rôlos de enxofre, em dôze canadas d'azeite. Depois de bem derretido mistura-se-lhe a côr de que se quer a tinta, que sempre deve ser ocre o mais fino possivel.

Com ésta tinta quente se dá a primeira demão; depois de tres ou quatro dias, quando está bem sècca, da-se segunda, e da mesma maneira ainda outra terceira.

HERVA-TURCA,

(para curar hydropisias e inchações.)

115 Uma grande parte dos homens que em nosso paiz tem a interessante profissão de curar os seus similhantes, não gostam que se lhes diga, que uma ou outra herva, este ou aquelle remedio, faz a cura de uma molestia, ou produz allivio a um doente. Julgam que são elles os unicos sacerdotes da medicina, e que ninguem póde entrar em seus arcanos e mysteriosos segredos. Entretanto parece-me que ingrandecendo-se as sciencias todos os dias, sem que se exceptue a medicina, devem passar muitos de seus conhecimentos á outra gente que estuda e se instrue, e que, ainda que alguns professores de medicina queiram ser depositarios privativos d'esta sciencia, não o poderão conseguir; pois que sendo muito activa a propensão de adquirir conhecimentos, ésta propensão é ainda mais forte tractando-se de viver bem e dilatar a existencia. Accresce que no estado de atrazamento em que entre nós se acha a instrucção pública, é mais necessario do que em outros paizes espalhar os conhecimentos uteis e praticos, que dispensam grandes leituras, que a maior parte da gente não póde fazer, porque não foi creada com o habito de ler, nem de ter vida applicada a estudos.

Por éstas, e ainda outras razões, julgâmos ser interessante e util ir seguindo a prática dos Srs. Redactores da REVISTA sôbre ésta materia, e pondo de parte o ciume de alguns professores, que não consentem que mão profana mêtta foice em sua ceara, daremos noticia da *herva-turca*, uma das mais amigas da humanidade inferma.

Estando eu em Torres-Vedras no mez d'agosto de 1840, o Sr. Prior João Paes de Lima Castel-Branco, homem sabio e cavalheiro de excellentes qualidades, fez-me favor de tractar comigo, e entre muitas ideas e conhecimentos uteis, deu-me noticia da *herva-turca*, que me disse ter curado naquella villa um hydropico tão estragado que ja havia sido furado duas vezes, para se lhe extrahir a agua da bexiga. A raiz d'esta maravilhosa *herva* cozida, e dando-se a agua ao doente, o restabeleceu plenamente, a ponto de continuar a beber em abundancia a *boa-pinga* de que é muito apaixonado, sem que a molestia o torpasse a incommodar. Tanta attenção e benevolencia foi a do Sr. Lima para comigo, que me fez reputal-o um bom amigo, e d'elle obtive uma porção da *herva-turca*, que levei para a minha patria onde cheguei no fim do mez de agosto.

Alli trabalhando um carpinteiro em obra de minha casa, queixou-se-me da doença d'um filho, que soffria uma inchação no ventre e demais partes contiguas, e lhe passava tambem ás pernas. Dizia o carpinteiro que a applicação de varios remedios não tinha produzido allivio nenhum ao doente. Dei-lhe então uma amostra da *herva-turca*, dizendo-lhe, que mandasse procurar pelos campos alguma porção da mesma *herva*, e que da raiz fizesse cozimento, que daria ao filho em pequenas quantidades todos os dias. Assim o fez elle; e a infermeira vendo que o doente dois dias depois se achava melhor, cozeu separadamente as folhas, e lhe lavou com a agua d'ellas todas as partes inchadas; o que foi curiosidade, porque não se lhe tinha mandado fazer esta lavagem. Finalmente o rapaz com a continuação da bebida e das lavagens curou-se dentro em quinze dias.

Mandei depois procurar a mesma *herva* nas freguezias mais proximas do mar, d'onde me trouxeram grande porção e com grande raiz e folhagem. A um dos subjeitos, que me trouxe bastante, disse-lhe eu qual era a virtude da *herva*, e este a applicou depois a uma rapariga que muito tempo havia estava inchada, tendo em resultado que dentro em dez dias desinchou e se restabeleceu.

Julguei que era conveniente fazerem os facultativos, que tractaram do rapaz e da rapariga, as suas declarações scientificas para se saber por ellas com certeza quaes eram as molestias a que conviria applicar a *herva-turca*; porém ou fosse descuido d'aquelles que tiveram as minhas recommendações, ou recusa dos facultativos, não pude conseguir as desejadas declarações.

Ainda que ésta falta seja de consideração póde todavia supprir-se com as muitas e repetidas experiencias que toda a gente póde fazer, principalmente os facultativos. O meu amigo, e Sr. João Paes, affirmou-me que o cozimento da raiz da *herva* o restabelecêra de uma inchação em ambas as pernas, que de annos soffria.

O Sr. Francisco José Gomes, pharmaceutico da freguezia de Salreu, concelho de Estarreja, mostrou-me um livro que dava noticia da *herva-turca*, e suas virtudes, as quaes, segundo diz o tal livro, são muitas; mas o bom e instruido velho não conhecia ésta *herva* e por isso lhe fiz presente d'ella.

Se não me ingano a *herva-turca* é d'excellente producção, e muito frequente em todo o litoral, e até supponho ser de uma que ha no largo de *S. Carlos*, na rua junto ao *alto das Chagas*; em ruas aope da *igreja da Lapa*, e julgo que em muitos outros logares de Lisboa. Nos terrenos areentos do concelho de Estarreja lança maiores raizes do que em Torres-Vedras. N'este mez de agosto ja tem flor branca e grande ramagem, e no anno passado vi-lhe flor em todo o mez de dezembro como em agosto, o que a torna mais interessante e agradavel.

Para que se possa ter conhecimento d'esta famosa planta depositâmos uma boa porção d'ella no escriptorio da REVISTA, para que se veja e conheça uma das melhores amigas da humanidade afflicta.

P. B.

Effectivamente fica patente n'este Escriptorio uma porção d'herva-turca para ser examinada pelas pessoas que a desejarem conhecer, e queiram experimentar as virtudes que o Sr. P. B. assevera que ella tem. Ao nosso zeloso colaborador agradecemos a sua generosa e philantropica offerta, e este artigo que a acompanhou.

MAGNETISMO.

116 Finalmente tambem Moncorvo tinha de admirar os prodigiosos effeitos do magnetismo animal, tambem n'este remoto cantinho o Sr. Perdigão (que tantos applausos obteve em Coimbra por ser o primeiro que em Portugal mostrou praticamente a realidade do que até aqui a muitos parecia visionario) com provas incontestaveis veio desinganar os incredulos.

Haverá quinze dias pouco mais ou menos appareceu aqui este senhor, que se acha empregado na alfandega da Barca-d'Alva, e, como era bem natural, todos o instaram para que mostrasse a sua habilidade. Annuiu comeffeito, mas não havia quem se quizesse sugeitar á experiencia: offereceram-se 2$400 rs. e então se promptificou um rapaz robusto, que em breve tempo ficou perfeitamente magnetisado, obedecendo a tudo o que o magnetisador lhe ordenava. Depois foram magnetisados outros, sendo um d'elles por duas vezes em differentes dias: da primeira adivinhou muita coisa do que lhe perguntavam, sendo de notar que pondo-lhe successivamente a mão nas costas os que se achavam presentes, quasi sempre nomeava o antecedente áquelle que era: advertindo porém que quasi todos concorreram depois de estar magnetisado. Da segunda vez adivinhou quasi tudo pondo-se-lhe nas costas differentes objectos, como um leque, uma caixa, uns oculos etc.; e pondo-lhe uma onça d'oiro hispanhola disse eu que talvez não adivinhasse, porque era provavel que não tivesse visto d'aquelle dinheiro, comtudo assim mesmo disse ser um pinto. Outro rapaz de quatorze a quinze annos tendo sido magnetisado em um pomar fóra da villa, foi trazido para uma casa onde se achava bastante gente, e ja com luzes, e alli foi desmagnetisado: não posso descrever as impressões de pasmo, admiração e surpresa, que n'elle se observaram, de maneira que esteve alguns momentos sem proferir palavra, e mal se descuidaram desappareceu.

Nada d'isto porém admira, em vista d'outra nova descoberta, pois aqui em Traz-os-Montes ha ja quem magnetise somente com a vista, e com quatro palavriados energicos em distancia de dois passos pouco mais ou menos, sem tocar o magnetisando! Estou vendo que se isto assim vai em progresso ás duas por tres se magnetisa com o pensamento; e quantos o desejariam.... *F. A. C. M. V.*

A redacção da REVISTA é inhabil para tractar competentemente d'estas experiencias magneticas, que se vão hoje vulgarizando entre nós; mas julgo a proposito, ao dar uma noticia em que assim se testificam as maravilhas do magnetismo, ajuntar-lhe tambem uma pequena nota em que ellas absolutamente se negam. Uma e outra coisa servirá de instrucção ao leitor, e os homens competentes que julguem.

Eis-aqui o que extractâmos do *Manuel d'Hygiene* — par Foy — 1845:

« O somnabulismo, estado de somno em que os individuos se levantam, andam e executam actos mais ou menos complexos, não póde ser negado por ninguem. Nós admittimos pois o somnambulismo, mas o somnambulismo *natural*, e regeitâmos e negâmos completa e positivamente o somnambulismo *artificial* ou *magnetico;* phantasmagorico ingodo com que tantos charlatães cubiçosos armam á ignorancia e credulidade. Proclamâmos sobretudo a falsidade das applicações maravilhosas que, ainda hoje no meiado do XIX seculo, certos individuos voltam em proveito seu, com vergonha de um público que se diz esclarecido.

Será necessario que digamos a razão da nossa incredulidade? Mas para que? Porventura não se sabe que as coisas mais absurdas são as que contam mais partidarios e defensores? Não se póde ler senão pelos olhos; a nuca, os calcanhares, não podem levar ao cerebro as sensações da luz; quem nunca viu o interior d'um quarto, uma caixa etc., não póde dar a sua descripção, por pouco exacta que seja, sem ser auxiliado por algum artificio; não se póde descrever o interior dos nossos orgãos se não se tem estudado anatomia... Quem accreditar no somnambulismo magnetico está apto para accreditar nas feiticarias do diabo. »

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO IX.

Prologomenos dramatico-litterarios, que muito naturalmente levam, apezar de alguns rodeios, ao retrospecto e reconsideração do capitulo antecedente. — Livros que não deviam ter titulo, e titulos que não deviam ter livro. — Dos poetas d'este seculo. Bonaparte, Rotchild e Silvio-Péllico. — Chega-se ao fim d'estas reflexões e á ponte da Asseca. — Traducção portugueza de um grande poeta. — Origem de um dictado. — Junot na ponte da Asseca. — De como o A. d'este livro foi jacobino desde pequeno. — Inguiço que lhe deram. — A duqueza de Abrantes. — Chega-se emfim ao val de Santarem.

117 Vivia aqui ha coisa de cincoenta para sessenta annos, n'esta boa terra de Portugal, um figurão exquisitissimo que tinha inquestionavelmente o instincto de descobrir assumptos dramaticos nacionaes — ainda, ás vezes, a arte de desenhar bem o seu quadro, de lhe grupar, não sem mérito, as figuras: mas ao pôl-as em acção, ao colloril-as, ao fazêl-as fallar... boas noites! era semsaboria irremediavel.

Deixou uma collecção immensa de peças de theatro que ninguem conhece, ou quasi ninguem, e que nenhuma soffreria, talvez, representação; mas rara é a que não poderia ser arranjada e appropriada á scena.

Que mina tam ricca e fertil para qualquer mediano talento dramatico! Que bellas e portuguezas coisas se não podem extrahir dos treze volumes — são treze volumes e grandes! — do thea-

tro de Ennio — Manuel de Figueiredo! Algumas d'essas peças, com bem pouco trabalho, com um dialogo mais vivo, um stylo mais animado, fariam comedias excellentes.

Estão-me a lembrar éstas:

'O Casamento da Cadea' — ou talvez se chame outra coisa, mas o assumpto é este; comedia cujos characteres são habilmente esboçados, funda-se n'aquella nossa antiga lei qne fazia casar da prisão os que assim se suppunha que podiam reparar certos damnos de reputação feminina.

'O fidalgo de sua casa', satyra mui graciosa de um tam commum ridiculo nosso.

'As duas educações', bello quadro de costumes: são dois rapazes, ambos extrangeiramente educados, um francez, outro inglez, nenhum portuguez. É eminentemente comico, frisante, ou, segundo agora se diz á moda, 'palpitante de actualidade.

'O Cioso', comedia ja remoçada da antiga comedia de Ferreira e que em si tem os germens todos da mais ricca e original composição.

'O avaro dissipador', cujo so titulo mostra o ingenho e invenção de quem tal assumpto concebeu: assumpto ainda não tractado por nenhum de tantos escriptores dramaticos de nação alguma, e que é todavia um vulgar ridiculo, todos os dias incontrado no mundo.

São muitas mais, não fica n'estas, as composições do fertilissimo escriptor que, passadas pelo crivo de melhor gôsto, e animadas sôbretudo no stylo, fariam um razoavel reportorio para acudir á mingua dos nossos theatros.

Uma das mais semsabores porêm, a que vulgarmente se haverá talvez pela mais semsabor, mas que a mim mais me diverte pela ingenuidade familiar e sympathica de seu tom magoado e melancholicamente chocho, é a que tem por titulo 'Poeta em annos de prosa'.

E foi por ésta, foi por amor d'esta que me eu deixei descahir na digressão dramatico-litteraria do principio d'este capitulo; pegou-se-me á penna porque se me tinha pregado na cabeça; e ou o capitulo não sahia, ou ella havia de sahir primeiro.

Poeta em annos de prosa! Oh Figueiredo, Figueiredo, que grande homem não foste tu, pois imaginaste este titulo que so elle em si é um volume!

Ha livros, e conheço muitos, que não deviam ter titulo, nem o titulo é nada n'elles.

Faz favor de me dizer o de que serve o que significa o Judeu errante pôsto no frontispicio d'esse interminavel e mercatorio romance que ahi anda pelo mundo, mais errante, mais sem fim, mais immorredoiro que o seu prototypo.

E ha titulos tambem que não deviam ter livro, porque nenhum livro é possivel escrever que os desimpenhe como elles merecem.

'Poeta em annos de prosa' é um d'esses.

Eu não leio nenhuma das raras coisas que hoje se escrevem verdadeiramente bellas, isto é, simples, verdadeiras, e por consequencia sublimes, que não exclame com sincero pesadume ca de dentro: 'Poeta em annos de prosa!'

Pois este é seculo para poetas? ou temos nós poetas para este seculo?...

Temos sim; eu conheço tres: Bonaparte, Silvio-Péllico e o barão de Rotchild.

O primeiro fez a sua Iliada com a espada, o segundo com a paciencia, o último com o dinheiro.

São os tres agentes, as tres entidades, as tres divindades da epocha.

Ou cortar com Bonaparte, ou comprar com Rotchild, ou soffrer e ter paciencia com Silvio-Péllico.

Todo o que fizer d'outra poesia — e d'outra prosa tambem — é tolo...

Vieram-me éstas mui judiciosas reflexões a proposito do capitulo antecedente d'esta minha obra prima; e lancei-as aqui para instrucção e edificação do leitor benevolo.

Acabei com ellas quando chegamos á ponte da Asseca.

Esquecia-me dizer que d'aquelles tres grandes poetas, so um está traduzido em portuguez — o Rotchild: não é litteral a traducção, agallegou-se e ficou muito suja de erros de imprensa mas como não ha outra...

Ora d'onde veio este nome da Asseca? Algures aqui perto deve de haver sitio, logar ou coisa que o valha, com o nome de Meca; e d'ahi talvez o admiravel rifão portuguez que ainda não foi bem examinado como devia ser, e que decerto incerra algum grande dictame de moral primitiva: 'andou por secca (Asseca?) e Meca e olivaes de Santarem.' — Os taes olivaes ficam logo adiante. É uma ethymologia como qualquer outra.

A ponte de Asseca corta uma varzea immensa que hade ser um vasto pahul de hynverno: ainda agora está a de sangrar-se em agua por toda a parte.

É notavel na historia moderna este sitio. Aqui n'um recontro com os nossos, foi Junot grave-

mente ferido, ferido na cara. '*Il ne sera plus beau garçon*' disse o parlamentario francez que veio, depois da acção, tractar, creio eu, de troca de prisioneiros ou de coisa similhante. Mas inganou-se o parlamentario: Junot ainda ficou muito guapo e gentil homem depois d'isso.

Tenho pena de nunca ter visto o Junot nem o Maneta, (1) as duas primeiras notabilidades que ouvi aclamar como taes e cujos nomes conheci... Ingano-me: conheci primeiro o nome de Bonaparte. E lembra-me muito bem que nunca me persuadi que elle fosse o monstro disforme e horroroso que nos pintavam frades e velhas n'aquelle tempo. Imaginei sempre que, para excitar tantos odios e malquerenças, era necessario que fosse um bem grande homem.

Desde pequeno que fui jacobino; ja se ve: e de pequeno me custou caro. Levei bons puchões de orelhas de meu pai por comprar na feira de San' Lazaro, no Porto, em vez das gaitinhas ou dos registos de sanctos, ou das outras bogigangas que os mais rapazes compravam... não imaginam o quê... um retrato de Bonaparte.

Foi 'inguiço' — diria uma senhora do meu conhecimento que accredita n'elles: foi inguiço que ainda senão desfez e que toda a vida me tem perseguido.

Quem me diria quando, por esse primeiro peccado politico da minha infancia, por esse primeiro tractamento duro, e — perdoe-me a respeitada memoria de meu sancto pae! — injustissimo, que me trouxe o mero instincto das ideas liberaes, quem me diria que eu havia de ser perseguido por ellas toda a vida! que apenas sahido da puberdade havia de ir a essa mesma França, á patria d'esses homens e d'essas ideas com quem a minha natureza sympathisava sem saber porquê, buscar asylo e guarida?

Não vi ja quasi nenhum d'aquelles que tanto desejára conhecer: as ruinas do grande imperio estavam dispersas; os seus generaes mortos, desterrados, ou trajavam interesseiros e covardes as librés do vencedor...

De todas as grandes figuras d'essa epocha, a que melhor conheci e tractei foi uma senhora, typo de graça, de amabilidade e de talento. Pouco foi o nosso tracto, mas quanto bastou para me incantar, para me formar no espirito um modello de valor e merecimento feminino que me veiu a fazer muito mal.

(1) Chamavam assim por escarneo, em Portugal, ao general Loison a quem faltava um braço.

Custa depois a encher aquella altura que se marcou...

Eis aqui como eu fiz aquelle conhecimento.

Inda o estou vendo, coitado! o pobre C. do S., nobre, espirituoso, cavalheiro, fazendo-se perdoar todos os seus prejuizos de casta, que tinha como ninguem, por aquella polidez superior e affabilidade elegante que distingue o verdadeiro fidalgo (stylo antigo); inda o estou vendo, ja sexagenario, ja mais que ci-devant jeun'homme, o pescoço intallado na inflexivel gravata, os pés pegando-se-lhe, como os de Ovidio, ao limiar da porta — não que lh'os prendessem saudades, mas que lh'os paralysava a cakexia incipiente — mas o espirito joven' a reagir e a teimar.

— 'Vamos!' 'disse elle' hoje estou bom, sinto-me outro: quero apresental-o a madame de Abrantes. Está tam velha! Isto de mulheres não são como nós passam muito depressa.'

E o desgraçado tremiam-lhe as pernas, e suffocava-o a tosse.

Tomámos uma citadine, e fómos comeffeito á nova e elegante rua chamada não impropriamente a rua de Londres, onde achámos rodeada de todo o esplendor do seu occaso aquella formosa estrella do imperio.

Não quero dizer que era uma belleza; longe d'isso. Nem bella nem moça, nem airosa de faser impressão era a duqueza d'Abrantes. Mas em meia hora de conversação, de tracto, descubriam-se tantas graças, tanto natural, tanta amabilidade, um complexo tam verdadeiro e perfeito da mulher franceza, a mulher mais seductora do mundo, que involuntariamente se diz a gente no seu coração: 'Como se está bem aqui!'

Fallámos de Portugal, de Lisboa, do imperio — da restauração, da revolução de julho (isto em 1831), de mr. de Lafayette, de Luiz Philippe, de Chateaubriand — o seu grande amigo, do *Sacré-Cœur* e das suas elegantes devotas — fallámos artes, poesia, politica... e eu não tinha ânimo para acabar de conversar...

Benevolo e paciente leitor, o que tenho decerto ainda é consciencia, um resto de consciencia: acabemos com éstas digressões e perennaes divagações minhas. Bem vejo que te deixei parado á minha espera no meio da ponte d'Asseca. Perdoa-me por quem és, dêmos d'espora ás mulinhas, e vamos que são horas.

Ca estâmos n'um dos mais lindos e deliciosos sitios da terra: o valle de Santarem, patria dos rouxinoes e das madresilvas, cincta de faias

bellas e de loureiros viçosos. D'isto é que não tem Paris, nem França nem terra alguma do occidente senão a nossa terra, e vale bem por tantas, tantas coisas que nos faltam. *A. G.*

A AMIZADE.

118 Resoe o meu canto nas ribas fragozas,
Levado nas brizas á beira do mar:
As ondas terriveis, mas sempre formosas,
Deslizem na arêa sorrindo ao trovar:

Nas selvas sombrias que habita a saudade,
Os echos accordem da meiga soidão,
E em volta aos penedos dizendo — AMIZADE
Os echos reflictam ao meu coração.

Estrellas fugaces que passam brilhando,
Fervendo, travêssas, nos plainos do ceu,
São como mil virgens a quem revelando,
Meu candido canto vou puro e sem veu.

Tranquillo assentado nos picos alpestres
De rocha escalvada, que aos homens põe medos,
Á sombra carregada dos tristes cyprestes,
Dos ventos do mar aqui jamais quedos:

Na lyra pegando, que ha muito calada
As trovas d'est'alma não quer repetir,
Em dia risonho e em noite cerrada
Irei minhas trovas nos ceus esculpir.

As aves alegres discantam amores,
Pendidas nos ramos la onde não ha
Mão de homem astuto que em cegos furores
Roubal-as aos filhos fraudoso se va:

Assim minhas trovas bem longe do mundo
Soltal-as ás fraguas aos astros irei:
Que amigos ha poucos na terra onde fundo
A crença que tenho que um d'elles achei.

Vem pois minha lyra festiva e risonha
E manda os meus cantos aos serros d'além;
São trovas de amigo que a mente me sonha,
Qu'importa que d'ellas não goste ninguem?

Não gostam alguns dos homens da terra,
Sem crença, sem tino, sem honra, e sem fé:
O canto singello que as crenças encerra,
P'ra elles decerto formoso não é.

Quem visse na aurora que fulge e desperta,
Lembranças da vida, saudades de amor,
Por entre o mesquinho da fragil offerta,
Veria das trovas immenso fulgor.

Quem visse nas cordas da lyra doirada
Passar resoando saudade infantil;
Creria por certo não ser apagada,
Tamanha saudade com trova tão vil.

O grande Alexandre que os mundos conquista
Nos campos da lide não pôde esquecer,
Que á terra natal, tão querida e bem quista,
D'amigo as lembranças o tem de prender:

Nem sangue nem mortes poderam no peito,
Do grão Macedonio dispôr alma ingrata;
Creado nas guerras, ás guerras affeito,
Deixou da amizade memoria bem grata.

E eu que até hoje so tenho na lyria
Achado e composto mil trovas de paz,
Que seja sincero oh! não admira!
O nome de amigo na vida me apraz.

Meus hymnos saudosos irão sussurando
Por montes e serras até fenecer.
Os carmes que as auras me vão ensinando,
Commigo no peito so hão de morrer.

D'abril nas montanhas, tão frescas e bellas,
Seguindo em seu curso o curso do sol;
Irão minhas trovas tão meigas como ellas
No canto imitar gentil rouxinol.

Em tardes de julho nas ceifas ardentes,
Em praia deserta, no quente areal;
Serão os meus versos fieis confidentes
Do peito fiel d'amigo leal.

Em noites d'agosto tão quêdas e puras
Irei eu sosinho sentar-me ao luar:
Não venham do mundo ideas impuras
Turvar-me o socêgo e o doce trovar.

Então n'esta vida e da outra tão perto
Com Deus e c'o amigo com ambos serei:
Palavras mentidas n'este amplo deserto
Dos homens fallaces eu não ouvirei.

So por entre as selvas que habita a saudade,
Os echos saudando da meiga soidão,
Em volta ao penedo, dizendo — AMIZADE,
Voltar hão de os echos ao meu coração!

Sancta-Isabel 10 de julho de 1845.

L. A. Palmeirim.

O RETRATO D'EL-REI D. SEBASTIÃO, E FUNDAÇÃO DO COLLEGIO DOS JESUITAS, NA CIDADE DE ANGRA.

La plus noble et la plus desinteressée des études, c'est l'étude des antiquités.
(*De Lamartine.*)

119 Havendo escripto um dos Directores da Sociedade Escolastico-Michaelense ao Sr. Felix José da Costa, da ilha Terceira, (joven escriptor, que assim pelas suas memorias historicas e biographicas, como pelas suas commemorações, ja tem um logar distincto entre os litteratos açorianos) dando-lhe o alvitre de escrever sôbre a actual existencia do retrato d'el-rei D. Sebastião no palacio do govêrno da ilha Terceira, que víra annunciada em uma das notas historicas do drama do Sr. Garrett, intitulado — Fr. Luiz de Sousa —: acquiesceu o Sr. Felix José da Costa a este patriotico convite, dando-nos no Angrense n.º 452 uma exacta descripção d'este quadro, que actualmente se acha na casa que dá entrada para a sachristia da igreja que fôra do collegio dos jesuitas, e que

fica sob a sala vulgarmente chamada das carrancas, no dicto palacio. E conclue o Sr. Felix o seu bem escripto artigo n'estes termos. — *A existencia d'este retrato n'aquella localidade póde, sem receio de ingano, ser attribuida a ter sido el-rei D. Sebastião quem mandou fundar o collegio dos jesuitas de Angra, como se vê da sua carta de padrão, passada na villa de Almeirim aos 20 de março de 1572.* — Estas judiciosas reflexões do Sr. Felix, e as variantes que incontrei sôbre a verdadeira epocha em que foi fundado o collegio dos jesuitas de Angra, quando dei começo aos meus trabalhos sôbre a nossa *Historia Ultramarina*, me suggeriu n'este momento a idea de acompanhar o Sr. Felix no seu pensamento, adduzindo aqui as mais bem fundadas notícias ácerca da sobredicta fundação.

El-rei D. Sebastião tendo fundado o collegio dos jesuitas da ilha da Madeira, no anno de 1568, e reconhecendo as vantagens que d'esta fundação resultára para a educação da mocidade d'aquella ilha, bem como para a sua moral pública, dois annos depois (1570) ordenou ao padre provincial, Leão Henriques, que mandasse fundar outro collegio na cidade de Angra.

Em observancia da régia vontade, logo o padre provincial destinou onze religiosos selectos para fundadores, indo na qualidade de reitor e lente de casos, o padre Luiz de Vasconcellos, (neto do conde de Pennella) e os padres Pero Gomes e Balthazar Barreiros, e oito irmãos.

El-rei os mandou embarcar em duas naus, que iam para os mares das ilhas dos Açores esperar os navios que vinham da India, a fim de os comboiar para Lisboa, porém sobrevindo-lhe um temporal na altura das ilhas arribaram ao porto d'esta cidade.

Não desejando porém o padre provincial, que se demorasse a fundação do novo collegio, em 2 de maio de 1570 fez reembarcar os padres fundadores em duas caravellas da carreira das ilhas, pertencentes a Antão Jacome e Manuel Fernandes.

Longa foi a viagem; gastaram vinte e oito dias.

Desembarcando no porto da cidade d'Angra no 1.º de junho, e sendo recebidos com as maiores demonstrações de jubilo pelo bispo D. Nuno Alvares Pereira, pelas auctoridades e pelo povo, em acto processional intraram na Casa da Misericordia da cidade, onde foram hospedados.

O orthodoxo, caritativo, e illustre João da Silva do Canto, da Ilha Terceira, que fundára na rocha uma ermida com a invocação de Nossa-Senhora das Neves, e um recolhimento adjacente para meninos orphãos, offereceu ésta casa aos apostolicos hospedes, folgando de que os jesuitas a fossem habitar, e dirigir a educação da orphandade, que elle alli recolhera.

Acceitando os padres este cavalheiro e acertado convite, residiram no referido recolhimento mais de um anno; porém parecendo-lhes este local inapropriado para fundarem o seu collegio, e sendo-lhes generosamente offerecida a casa onde nasceu o seu martyr, o padre João Baptista Machado, situada na localidade em que actualmente está o palacio do governo d'Angra, solicitaram d'el-rey D. Sebastião a regia permissão, que lhes foi concedida em 20 de março de 1572.

Supervenientes questões com os herdeiros do doador d'esta casa e terrenos annexos, paralisaram o começo da obra, que so teve principio no anno de 1575, indo de Lisboa, em agosto d'esse anno, o irmão Francisco Dias, a fim de dirigir todas as obras, as quaes, tanto da igreja, como do collegio, tiveram muito maior latitude e esplendor do que fôra anteriormente architectado, concorrendo para isto as quantiosas esmolas e donativos offerecidos pelas principaes pessoas da ilha Terceira, e seus maiores negociantes em cujo numero entraram alguns inglezes.

Quando os jesuitas foram expulsos da ilha Terceira, no anno de 1760, possuiam em pratas, e outras peças preciosas da sua igreja, para mais de cem mil cruzados. (*) Ainda ha poucos annos existia no archivo da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar uma copia do inventario, que mais de uma vez folheámos.

B. J. Senna Freitas.

BIBLIOGRAPHIA EXTRANGEIRA.

E'TUDES SUR L'ANGLETERRE — par Léon Faucher — 2 v.

120 O. A. d'estes estudos é bem conhecido por todos os leitores da 'Revista dos dois-mundos' e de outras publicações sérias da França: o seu espirito de conscienciosa investigação e analyse está comprovado pelos seus numerosos artigos transcriptos n'estes jornaes, e de que os 'estudos sôbre a Inglaterra' são apenas uma compilação. O A. visitou primeiro a Inglaterra com o maior cuidado, ajuntou o maior número de documentos parlamentares, e escreveu depois discutindo todos os problemas politicos e sociaes da actual situação interior da Gran'-Bretanha: a sua obra tem pois todo o interesse d'uma justa apreciação moral, e é ao mesmo tempo um documento exacto e curioso.

COSMOS — von Humboldt.

O 1.º vol. da obra do sabio Humboldt com o titulo de 'Cosmos' acaba de ser publicado em allemão. A traducção franceza foi logo confiada á intelligencia de Faye, astronomo do Observatorio. Este 1.º v. tracta profundamente das differentes raças humanas, e dá a historia das transformações que deveria soffrer a materia espalhada no espaço, passando pelo estado de nebulosa, cometa e corpo planetario. Este programa mostra a importancia das questões que hão de ser tractadas nos outros volumes, que serão mais tres, e que conterão decerto observações e explicações de grande tomo, e talvez que theorias novas. O que é pena é que os intervallos de uns a outros tenham de ser muito longos; mas este inconveniente não póde prejudicar o bom exito da obra, porque o favor público não póde ser infiel ao nome illustre de Humboldt.

DE LA LIBERTE' DU TRAVAIL, ou simples exposé des conditions dans les quelles les forces humaines s'exercent avec le plus de puissance — par Charles Dunoyer. — 3 v. — Paris — 1845.

O A. d'esta obra importante é um d'esses homens eminentes

* O marquez de Pombal mandou entrar na casa da Moeda uma grande porção d'esta prata para se cunhar em dinheiro, que remetteu ao provedor da real Fazenda das ilhas dos Açores, destinando quatro contos para o cofre da Feitoria da alfandega da ilha Terceira, a fim de se pôrem em dia os pagamentos; e oito contos para reedificação do caes da referida alfandega, e das fortificações da ilha.

Este arbitrio do marquez de Pombal foi *um golpe d'Estado*: Os terceirenses na extincção dos jesuitas tomaram o partido d'estes expulsos..... O eximio Pombal suffocou as murmurações d'aquelles povos mostrando-lhes, com aquella remessa pecuniaria, que tinha em vista proteger os interesses dos Terceirenses.

que desde J. B. Say teem sustentado em França a economia politica no seu verdadeiro elemento dos meios experimentaes e methodos de observação. Quiz elle indagar com que condições e leis, com a influencia de que causas, podem os homens usar com mais liberdade, com maior podêr, das forças e faculdades naturaes cuja acção constituem o trabalho humano. Este podêr d'acção depende: ou da propria organização, ou dos sitios, ou do grau de cultura: éstas tres circumstancias influem necessariamente na educação da especie, no estado da industria e na escalla da civilisação.

E' este estudo da sociedade industrial em que se occupa Dunoyer. Mas elle não intende ésta sociedade como muitos economistas que o precederam; com este nome designa elle toda a actividade do homem. Por isso se incontram pela primeira vez n'uma obra de economia-politica materias que até hoje eram tidas como alheias d'ella. Comtudo ainda que a admissão de muitas n'este ramo dos conhecimentos humanos possa ser contestadas, será impossivel desconhecer, todavia, a solidez dos laços com que o A. as prende á economia-politica, e a competencia com que todas ellas estão tractadas.

E'sta obra e d'aquellas a que o seu merito, a auctoridade do nome do A., o valor dos principios e a fôrça dos argumentos, dão jus a servirem de documentos irrefragaveis á sciencia economica.

HISTOIRE CONSTITUTIONELLE DE LA MONARCHIE ESPAGNOLE — par Victor du Hamel — 2 v.

Entre as numerosas obras francezas escriptas sôbre a Hispanha, talvez não haja mais de duas em que a phantazia deixe de ter intervindo com todo o prestigio das suas illusões, a despeito da observação e do bom senso, não tomando aquelle paiz senão como uma creação das fadas, uma região romanesca povoada de mil imagens terriveis ou seductoras... uma d'estas duas obras é a que tem o titulo que acima se lê O seu auctor soube comprehender as exigencias do seu assumpto, e procurou desempenhal-o com o zêlo e a consciencia que se devem achar no historiador.

Não será inutil por ésta occasião recordar que ja antes da preconisada constituição ingleza de 1688 existia na Peninsula o systema representativo. Não quero fazer a injuria aos leitores de lhes mencionar o que havia em Portugal de grande, politico e cordato, a este respeito, mas pelo que toca á Hispanha Du Hamel apresenta curiosas notícias sôbre a antiga legislação hispanhola, citando o *Fuero Juzgo*, o codigo das *Sette partidas* etc.

O periodo d'esta historia começa em 411 e termina em 1833, isto é desde a invasão dos vandalos até á morte de Fernando VII. Divide-se em quatro partes: contéem a primeira e segunda um resumo historico das instituições nacionaes — a historia das constituições de Castella e Asturias desde Pelaio até Fernando e Isabel, a terceira continúa ésta historia — que ja é da monarchia hispanhola, até Phillippe V; e a quarta segue até á morte de Fernando VII.

Se alguma censura ha a fazer a Du Hamel é sôbre certa parcialidade com que elle incarou alguns factos. Mas a este respeito as opiniões são livres, e todos podem refutar por si mesmo reflexões que lhes não agradem.

CESAR FALEMPIN — par l'auteur de *Jérôme Paturot* — 2 v. — Paris — 1845.

O auctor d'estes dois romances é o ja celebre economista Louis Reybaud. *Cesar Falempin* é um neto de *Jérôme Paturot*, cuja 5.ª edição se está publicando *illustrada* por Grandville, Assim como Paturot mofava de todas as loucuras do seu tempo, assim seu neto satyriza desapiedadamente os vicios e o ridiculo da nossa epocha.

O famoso moralista tracta em *Cesar Falempin* um dos mil episodios da lucta incessante entre o bom e o máu principio; mas este romance não é so uma mordaz e curiosa satyra historica, é tambem um romance cheio de interesse, escripto com esse estylo vivo e colorido que distingue o seu auctor, e que não deixará de ser apreciado por todos os que tomaram conhecimento com o seu illustre avô.

BELLAS-ARTES.

THEATRO DE D. MARIA II.

121 A 7 DE julho de 1842 começaram os trabalhos na praça de D. Pedro para edificação do Theatro de D. Maria II. O edificio acha-se concluido, e quasi findos os seus últimos trabalhos: dentro em pouco estará em completo estado de funccionar. Pareceu-nos pois dever dizer alguma coisa a este respeito, que muitos ignorarão, e dar ao mesmo tempo uma descripção do edificio.

A idêa primaria da construcção de um theatro nacional teve-a o Sr. Larcher, quando Governador-civil de Lisboa, em 1836; e para levar a effeito o seu zeloso proposito apresentou ao govêrno um plano e proposta de meios, acompanhado dos exames de varias localidades.

Em portaria de 28 de settembro do mesmo anno encarregou o govêrno este negocio ao Sr. Garrett, remettendo-lhe aquelles papeis, e ordenando-lhe que organizasse um plano para a fundação e creação de um theatro nacional. Não podia tão relevante encargo ir ter a melhor mão, assim de quem o soubesse tractar como de quem a elle se dedicasse como cumpria.

Apresentou o Sr. Garrett um projecto, não so para se levar a effeito a construcção do theatro, senão tambem para a restauração, melhor diremos creação, da arte dramatica entre nós: e foi este projecto que deu occasião á formação da inspecção-geral dos theatros e creação do Conservatorio,

Como assim tomasse impulso este negocio, julgou-se, em resultado de muitas visitas e exames, que o local mais apto para a edificação do theatro era o das ruinas do palacio que tinha sido da Inquisição, na praça de D. Pedro. O architecto *Chiari*, hoje falecido, deu o risco e orçou a obra em 70$000 crusados, a qual se projectou executar ora por meio de alguns capitalistas, ora por meio de uma companhia de accionistas.

As difficuldades politicas, que sobrevieram, suspenderam porém todos os trabalhos a este respeito até fins de 1838. N'esse tempo foi nomeada uma commissão para promover a formação de uma companhia para a construcção do theatro; e como o govêrno houvesse disposto do local escolhido para satisfazer com elle parte do que devia á Camara-municipal de Lisboa, dirigiram-se as vistas da commissão para a cêrca do extincto convento de San'Francisco da cidade; e a subscripção tinha montado ja, até ao meiado de 1839, a 30:700$000 réis.

Foi n'esta occasião que o Sr. Conde do Farrobo se offereceu a fazer edificar o theatro por si somente, e debaixo de certas condições, sem intervenção de companhia, cuja definitiva organização apresentava algumas difficuldades. Em accôrdos e desaccordos se consumiu o tempo até meiado do anno de 1840, ficando por fim malogrado tudo quanto até alli se fizéra.

Não desanimou todavia o Sr. Garrett; e da Camara dos Srs. Deputados, de que era membro, conseguiu a lei de 6 de novembro de 1840 pela qual se mandou edificar o theaaro-nacional, fornecendo o Estado o terreno e certos materiaes, e por meio de uma Companhia, cujo capital seria amortizado pela fórma na mesma lei apontada, ficando o theatro propriedade nacio-

nal. Foi nomeada uma commissão para dar andamento a ésta lei, e em resultado de uma conferencia de architectos escolheu-se a área onde fôra o palacio da Inquisição no Rocio para construir o theatro. O terreno foi comp.ado á Camara-municipal por dez contos de réis, e abriu-se concurso para o risco.

Appareceram comeffeito seis riscos n'este concurso que foram julgados por um jury d'antemão nomeado. Mas este jury limitou-se a julgar o que achára de bom ou menos-bem projectado em cada um d'elles, sem dar o seu voto por nenhum, e a Commissão irresoluta não tomou tambem deliberação alguma. N'isto se passou o tempo até 25 d'abril de 1842.

Foi então que o Sr. Larcher, que substituíra o Sr. Garrett nos logares de Vice-presidente do Conservatorio e Inspector-geral dos theatros, apresentou ao govêrno um projecto para a effectiva edificação do theatro-nacional por intermedio de uma transacção com os Caixas do contracto-do-tabaco. O alvitre foi approvado pelo govêrno: acceita-se o risco apresentado pelo architecto F. Lodi, dissolve-se a antiga commissão e cria-se outra para superintender á obra, composta do Sr. Larcher, do Inspector-geral das Obras-públicas, e do Sr. Jacintho J. Dias de Carvalho, thesoireiro; e effectivamente se começam os trabalhos a 7 de julho de 1842.

Desde essa epocha até hoje têem estes trabalhos continuado debaixo da direcção do architecto auctor do risco, e das vistas da commissão.

A área total do edificio tem de superficie obra de 36:300 palmos craveiros, e é ornado com tres vestibulos — um para a praça de Camões, servindo d'entrada geral, com 5 arcadas, de 14 palmos de largura e 77 $\frac{1}{2}$ de comprimento; outro, em tudo similhante, para o lado de S. Domingos, feito para symetria do edificio, mas que tambem dá entrada para o palco, subterraneos, e outras servidões; o terceiro é o grande vestibulo da praça de D. Pedro com 18 palmos de largura e 78 de comprimento, ornado com 6 columnas jonicas de 14 $\frac{1}{2}$ palmos de diametro e 40 d'altura. Do lado do *pateo do Regedor* ha tambem uma entrada de servidão para as differentes ordens de camarotes d'aquella parte do edificio, e para a última galeria; e tambem um portão para o palco com uma pranchada para serviço de cavallos, etc., que possam ser necessarios em scena.

O vestibulo da praça de Camões tem tres grandes portas por onde se entra n'um salão, ou antes atrio, de 45 palmos de largura e 73 $\frac{1}{2}$ no seu maior comprimento, ornado de columnas doricas. Da parte direita estão as casas para a venda de bilhetes e camarotes, o botequim com todas as suas officinas, e uma escada para seu serviço, que conduz ás differentes ordens de camarotes; da parte esquerda está a entrada particular de Suas Mgestades para a tribuna, com porta independente debaixo da arcada do vestibulo, e uma escada de 8 palmos de largura; debaixo d'esta escada está a casa para guardar as bengalas, etc. Na frente d'este salão, ou atrio, ha 5 portas por onde se entra para uma especie de corredor de 16 palmos de largura e 78 $\frac{1}{2}$ de comprimento. Ha n'este corredor 7 portas, 5 que correspondem ás do salão, por onde se entra para a platea, e corredores lateraes, e 2 nas extremidades para duas casas, uma destinada para a guarda, e outra para os criados dos espectadores; ambas éstas casas ficam debaixo das escadas que conduzem aos differentes pavimentos do edificio, collocadas nas duas extremidades d'este corredor.

A platea tem 70 palmos de comprimento e 60 de largura, as galerias e camarotes 10 palmos de fundo, e os camarotes 7 palmos de parapeito; em todas as ordens os camarotes de bocca tem 9 palmos de frente, com uma sala e um retrete juntos. O camarote particular de Suas Magestades tem uma entrada privativa pelo vestibulo da praça de D. Pedro. Este camarote tem junto uma sala de 27 palmos de comprimento e 17 de largura, um gabinete de 17$\frac{1}{2}$ palmos de comprimento e 12 de largura, uma cópa, um retrete, e um corredor de passagem de 25 palmos de comprido e 9 de largo.

O palco tem 102$\frac{1}{2}$ palmos de fundo e 88 de largo, e a bocca d'ópera 52 palmos de largo e 49 de alto. Junto á bocca d'ópera, no interior do palco e de ambos os lados, ha duas passagens de communicação para a caixa, uma entre a sala destinada para o director do theatro, que tem junto um gabinete do logar onde terminam as galerias e immediata á casa de reunião dos artistas (*foyer*); e a outra que fica ao lado do *pateo do Regedor*, para entrada particular dos artistas. Aope da bocca d'ópera ha tambem 2 camarins para os actores de ambos os sexos mudarem de vestuario; e dentro do vão da bocca d'ópera ha escadas para serviço dos machinistas.

Em volta do palco fizeram-se casas para a illuminação, e para arrecadação dos bastidores, 18 ou 20 camarins para a companhia, gabinete para a direcção, galerias para se vestirem os comparsas de ambos os sexos, escada para serviço de adereços e vestuario, e latrinas separadas para os dois sexos, em todos os pavimentos.

Todos os corredores tem 11 palmos de largura; os do primeiro pavimento teem 15$\frac{1}{2}$ palmos de altura, os dos outros pavimentos, e última ordem de galerias 11$\frac{1}{4}$. Nos flancos de ambos os lados d'estes corredores, em todas as ordens de camarotes e galerias, ha uma casa para passeio (*foyer*) de figura exagona, e um retrete para senhoras, e dois para homens. Estes corredores todos vão dar a salas de 30 palmos de comprido e 16 de largo, no meio do edificio para a praça de D. Pedro.

O segundo pavimento tem um salão por cima do atrio de 73$\frac{1}{2}$ palmos de comprido e 45 de largo, ornado de duas ordens de columnetas, que formam duas grandes galerias que deitam para as differentes ordens de camarotes, ficando assim este salão sendo uma parte integrante da sala do theatro e dos corredores, por ser indispensavel volteal-o no transito d'elles.

A tribuna-real tem 21 palmos de frente e 13$\frac{1}{2}$ de fundo, e tem junto uma sala de respeito de 46 palmos de comprido e 16 de largo, outra sala de 28 palmos de comprido e 21 de largo, um vestibulo, uma cópa, e um retrete.

A sala do theatro tem tres ordens de camarotes, com 20 nas duas primeiras ordens, e 23 na terceira, e mais duas galerias, uma debaixo da primeira ordem de camarotes, que póde ser reduzida a frizas, ou logares separados, por meio d'um pequeno parapeito, outra sôbre a terceira ordem de camarotes. Os camarotes são divididos por columnetas de madeira, e a

sala na maior altura, do piso da orchestra até ao tecto da bôcca d'opera, tem 72 palmos de alto, fechando o seu tecto no fundo das galerias superiores, e não junto ás columnetas de divisão. Esta sala tem oito ventiladores de $1\frac{1}{2}$ palmo de diametro.

No pavimento geral de todo o edificio ha uma grande casa de 120 palmos de comprido, 45 de largo, e 20 de alto, que poderá servir para ensaios, e tambem ser dividida em differentes partes como se julgar mais conveniente. Ha mais diversas casas destinadas para o vestuario e adereços, que communicam com o palco; no vão das asnas ha outra casa de 80 palmos de comprido e 70 de largo, destinada para casa de pintura; e finalmente diversos vãos, que poderão servir para depositos de bastidores etc.

O edificio tem ja dois poços construidos, um debaixo do palco para o lado da praça de D. Pedro, outro no subterraneo, logo para ca da bocca d'ópera, para o lado do *pateo do Regedor*. Estes poços, na quadra mais calmosa, não desceram a menos de 14 palmos de agua. Alem d'isto, em cima dos dois corpos que formam a bocca d'ópera, estão ja construidos dois reservatorios de abobeda, que hão de receber dois tanques de ferro para deposito de obra de 80 a 100 pipas de agua, recolhida dos telhados; junto a estes depositos estarão collocadas duas bombas para o caso de incendio. O edificio fórma por cima um grande terraço coberto de ferro galvanisado assim como toda a parte inclinada. Todos os canos e latrinas são de pedra, e tem conductos de agua que as lavam.

Tal é o resumo historico e resultado dos trabalhos da Inspecção-geral dos theatros e do Conservatorio, que, por seis longos annos, luctaram infatigaveis, mas conseguiram emfim dar a Lisboa um nobre monumento, ás suas artes um templo, e a Portugal um desaggravo — que tanto é a edificação do theatro nacional de D. MARIA II.

VARIEDADES.

PADRE MANUEL BERNARDES.

COMMEMORAÇÃO — 20 D'AGOSTO, 1644.

122 Manuel Bernardes, um dos mais illustrados classicos portuguezes, e que entre estes leva sem dúvida a primazia em riqueza de linguagem, nasceu em Lisboa a 20 de agosto de 1644.

Madrugou n'este menino o ingenho de que no futuro tantas provas deu. No estudo da lingua latina se tornou notavel entre os seus condiscipulos, e grangeou a admiração de seus mestres. Passou depois ao estudo da philosophia em que tanto soube merecer que foi graduado mestre pela Universidade de Coimbra. Assim condecorado entrou no curso de theologia, e finalmente se ordenou de presbytero.

Divulgando-se ja pelo reino a fama não so de seus talentos como tambem de suas virtudes, determinou recebel-o por seu confessor e guia o seu proprio bispo de Vizeu, que então era D. João de Mello. Entrou depois na congregação do Oratorio, recemplantada em Portugal por Bartholomeu do Quental — tinha então apenas trinta annos.

N'esta congregação de homens doutos e virtuosos resplandeceu sempre o seu nome, e so nos últimos trez annos de sua fatigada vida nos consta que se dedicasse menos a escrever e estudar. Soou finalmente a sua hora derradeira aos 17 de agosto de 1710.

Pouca gente lida haverá em Portugal que não conheça os seus numerosos escriptos, ou pela lição ou pela fama.

***

CORREIO EXTRANGEIRO.

123 Concebeu-se o projecto de um carril-de-ferro no interior da cidade de Paris, para ligar as differentes linhas ferreas que partem d'aquella capital para diversos pontos. Ésta idéa não é nova, e o govêrno ja em em 1844 tinha apresentado ao parlamento um relatorio a este respeito; mas Kerizonet, ingenheiro-civil, propõe agora um carril-de-ferro que atravesse París, em vez de o circumdar como queria o govêrno, parte por cima e parte por baixo do chão, na extensão de 4,650 metros, e com suas ramificações complementares, o que daria ao todo uma linha de 8,250 metros; cuja despeza se avalia em seis milhões de francos.

A idéa é atrevida mas não é singularmente franceza: o govêrno austriaco tambem propôs uma linha-ferrea que atravessasse a cidade de Vienna a nivel das ruas; em Philadelphia existem 16 kilometros de carril-de-ferro no centro d'ésta populosa cidade; em Liverpool ha dois vastos subterraneos por onde atravessam carris-de-ferro; a linha-ferrea que atravessa a cidade de Lyon parte é por cima e outra parte por baixo do chão; finalmente um jornal inglez annuncía que em Londres se está formando um projecto para ligar a grande linha-ferrea *occidental* com a *oriental*, por meio de um *tunnel* (abobada subterranea) que deve atravessar a cidade de Londres.

Acaba de fazer-se uma descoberta singular em França na estrada de Bellevue a Meudon. Fazendo-se algumas escavações para arranjo da estrada incontrou-se um grande penedo de fórma redonda, similhante a essas pedras gigantestas consideradas como monumentos druidicas: em roda da base, na profundidade de um metro, descobriram-se ossos humanos innegrecidos pelo tempo. Acharam-se depois, quasi no mesmo sitio, outros dois penedos, pouco menores, arrumados um ao outro. Á roda d'éstas pedras havia tambem ossos com evidentes signaes de vetustade; mas o que prova mais que tudo a origem druidica d'éstas pedras collossaes, transportadas não se sabe como, é ter-se incontrado de mistura com os ossos duas machadinhas de *silex* muito cortantes, e inteiramente iguaes ás que usavam os sacerdotes gallos nos seus sacrificios.

Ha em França 5,000 estabelecimentos onde se empregam rapazes de menor-idade em diversos misteres; o número d'elles chega a 70,000 de dezeseis annos para baixo; mas nenhum póde ser admittido antes dos oito annos. Antigamente eram admittidos de sette e seis annos: a lei de 22 de março de 1841 prohibiu ésta barbaridade e mandou observar além d'isso outras disposições civilizadoras, como a prohibição do trabalho nocturno, a fixação das horas de trabalho, e a frequentação das escholas interiores e gratuitas dos mesmos estabelecimentos.

O govêrno saxonio acaba de ordenar que se comecem os primeiros trabalhos para ajuntar os caminhos de ferro do seu paiz com os da Bohemia. Estes trabalhos serão feitos por conta do Estado. O carril-de-ferro de Chemnitz a Riesa tambem se vai ja começar.

O principe Alberto, marido da rainha Victoria, acaba de popularizar-se mais pagando o seu tributo ao orgulho maritimo do povo inglez. Vendia-se por 150 libras o colete e a farda que Nelson trazia na batalha de Trafalgar; o principe comprou estes objectos e deu-os de presente ao hospital de Greenwich, onde se recolhem os invalidos britannicos e onde ja está o fato que o mesmo Nelson vestia na batalha do Nilo. Ha muito que a rainha Victoria possue a balla que tirou a vida a este famoso almirante inglez.

N'um mesmo dia viu Paris inaugurar dois novos monumentos dentro dos seus muros: a estatua-equestre do duque d'Orleans, no pateo do Louvre, e a fonte do arcebispo, na ilha de Nôtre-Dame.

O imperador d'Austria, com toda a pompa da magestade, distribuiu no dia 16 do passado, na sala de ceremonia do seu palacio e pela sua mão, os premios e medalhas honorificas, a todos os industriaes que exhibiram os productos mais distinctos na exposição da industria austriaca.

O número dos navios baleiros nas costas dos Estados-Unidos, este anno, sobe a 625, a maior parte d'elles sôbre 400 toneladas. São necessarios 15 a 16,000 homens para equipar todos estes navios, e calcula-se em 25,000,000 de dollars o valor de todos elles. A quantidade de azeite importado nos Estados-Unidos sobe a 400,000 barriz, metade dos quaes são de spermacetti. Os principaes mercados do azeite de balea são: a Allemanha, a Prussia e a Hollanda.

Errata. — Pag. 94, col. 2, lin. 27 — Austria — lea-se: *Industria.*

CORREIO NACIONAL.

---

124 A receita do 'Asylo de mendicidade' no mez de julho foi de réis 1:675$423, além de differentes donativos em generos: a despeza foi de rs. 967$733. Ficaram existindo 283 homens e 224 mulheres, total 507.

M. Laribeau acaba de chegar de Paris onde foi, segundo se diz, tractar de certos arranjos para maior esplendor do seu 'Circo' e d'onde trouxe duas *demoiselles* cujo debute se aguarda com impaciencia. A joven Emilia foi restituida aos seus numerosos admiradores, e as suas graças tornaram ao 'Circo' todo o seu antigo brilho. Mas durante a ausencia do seu digno Director o 'Circo' não esteve ocioso: as scenas do *Fra-Diavolo*, do *Gascon*, e do *Barbeiro de Sevilha*, onde o incontestavel merito do Sr. Rattel grangeia sempre applausos, attrahiram a concorrencia pública, que não tem deixado ainda de premiar os habeis esforços da *Companhia-Laribeau.*

Diz-se que a Companhia ingleza para a construcção de um carril-de-ferro de Lisboa a Madrid, offerecêra tambem ao govêrno o estabelecimento de um telegrapho electrico em toda a extensão d'esta linha-ferrea.

Nas differentes cadeiras da Eschola do exercito obtiveram este anno os primeiros premios, o Sr. 2.° Tenente, Manuel Rodrigues da Costa, em duas cadeiras, e os Srs. Alferes, J. M. Cabral Calheiros, em tres cadeiras, J. M. Latino Coelho, em duas cadeiras, M. J. Coelho da Silva, em duas cadeiras, N. A. de Brito Taborda, em duas cadeiras, D. Luiz de A. S. Coutinho, F. de P. Botelho, J. C. T. Pamplona, J. C. da Costa e Silva, e J. J. Namorado. Na Eschola-Polytechnica obtiveram os 1.os premios os Srs.: L. J. de Mello, J. J. de Castro, D. A. Viellot, J. A. C. das Neves Cabral, e se fossem alumnos ordinarios tel-o-iam tambem obtido os Srs.: J. F. Pereira, e G. H. Farinho; mereceram os 2.os premios os Srs.: J. da S. Carvalho Junior., J. E. d'A. Albuquerque, M. Ghira, e tel-o-ia igualmente merecido se fosse alumno ordinario o Sr. M. C. P. H. de Macedo.

A Caixa-economica da Companhia Confiança-nacional, recebeu 5:181$340 rs. — restituiu 859$600 rs. e teve 22 depositantes novos. — Semana finda em 16 do corrente.

Em nosso número 6 publicámos os nomes dos estudantes da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, premiados no corrente anno: em theologia obtiveram os premios: 1.° anno, A. B. de Menezes, 2.° J. C. de Amorim Pessoa, 3.° — o 1.° premio, C. F. de Faria, 2.° J. do N. Moraes, 4.° anno, J. A. de Oliveira: em mathematica, 1.° anno e 1.° partido, J. A. de Sousa, 2.° C. G. Mamede, 1.° premio, A. S. de Castro Giraldes, 2.° B. de C. Ribeiro; 2.° anno 1.° partido, J. de Sousa Machado, 2.° Visconde de Samodães, premio, M. J. de Sousa Brito; 3.° anno, 1.° premio, F. P. Torres Coelho, 2.° P. de Amorim Viana; 4.° anno, 1.° premio, C. M. R. Alvares, 2.° M. S. de Sousa Gouvêa, no 5.° anno não houve premiados: em philosophia, 1.° anno e 1.° premio, M. A. Barbosa, 2.° J. A. de Sousa, 2.° anno, 1.° premio, A. de A. F. Jacobina, 2.° Visconde de Samodães, 3.° anno, A. A. Pereira, 4.° anno, B. e F. Soares, 5.° anno L. A. de Andrade.

No anno lectivo de 1844 — 45 matricularam-se na Universidade de Coimbra 1101 estudantes, perderam o anno 87, ficaram esperados 102, foram reprovados 53. Em theologia houve 94 estudantes, em Direito 687, em medecina 78, em mathematica 94, em philosophia 148.

As noticias que recebemos dos Açores e Madeira não conteem coisa notavel. Continuava na ilha Terceira o impulso dado pelo governador-civil á instrucção-publica, promovendo-a de todos os modos e até distribuindo *á sua custa* premios aos mais distinctos alumnos. Tinha-se publicado a Topographia medica d'aquella ilha, pelo Sr. Zagallo; e o Sr. F. J. da Costa continuava a publicação dos seus interessantes trabalhos literarios sôbre a historia açoriana.

Na Madeira cuidava-se no reparo das estradas, e ia fundar-se um asylo de mendicidade.